Aquele que Observa

C. ANDERSON

AQUELE QUE OBSERVA

C. Anderson

Para quem observa em silêncio.

"O caos tem suas próprias regras,
e quem observa de fora aprende
mais do que quem está dentro."

— C. Anderson

Nota do autor

Este livro nasceu em silêncio.

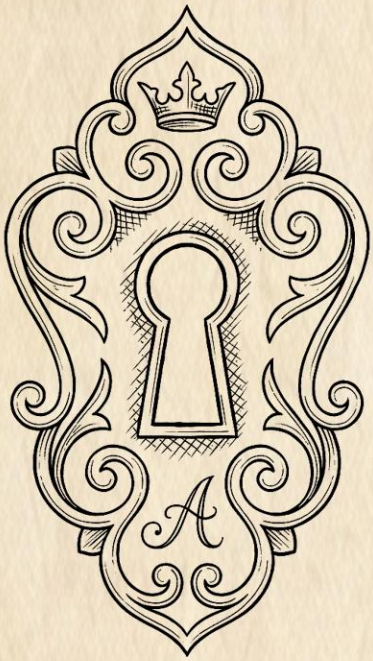
Não em um silêncio bonito, dos que se elogia em prosa — em um silêncio prático, daqueles em que a gente percebe, sentado sozinho, que vai precisar fazer alguma coisa com o que está acontecendo ao seu redor, ou vai afundar.

Sempre observei mais do que falei. Sempre senti que via certas coisas que a maioria preferia não ver — sobre as pessoas, sobre o mundo e sobre como se tratam os que se importam e os que não. Quase tudo neste livro são observações que eu já carregava há anos. Estavam ali, esperando alguém parar tempo suficiente para anotar.

O que fez eu parar foi um desencontro que já tinha acontecido. Não vou nomear nada, e não preciso — quem já passou sabe. Em algum ponto, percebi que processar tudo aquilo em silêncio não bastava. Precisava transformar, ou viraria peso. E foi assim que o monólogo nasceu, e com ele o resto do livro: uma história sobre uma despedida que nunca terminou e, em volta dela, dezessete observações sobre o que se vê quando se está olhando de fora. Não é um livro sobre uma pessoa, mas uma obra sobre o que sobra depois — sobre o tipo de silêncio que se aprende a ouvir.

Se algum verso conversar com você, é porque ele já era seu antes de eu pegar a caneta. Meu trabalho foi apenas colocá-lo numa página.

C. Anderson



Todos olham uns aos outros o tempo todo.
Poucos percebem
que o olhar diz mais de quem observa
do que de quem é observado.

Declínio

Dizem que o mundo piorou.
Talvez o mundo seja o mesmo.
O que mudou foi a tolerância
com a própria mediocridade —
e isso ninguém admite em voz alta.

Fazer o certo incomoda,
pois evidencia quem não faz.
Por isso o erro é celebrado:
ele cria companhia
para consciências silenciosas.

Os valores não sumiram,
foram invertidos com cuidado —
empatia virou gesto público,
virtude, discurso,
e caráter, moeda de troca.

A voz chegou para todos.
O pensamento, para poucos.
Nesse coro de certezas vazias,
o bom senso foi embora,
sem que ninguém percebesse a falta.

Incômodo

Ser diferente incomoda.
Não porque esteja errado,
mas porque quem vive por si
expõe o quanto outros vivem
reféns da aprovação alheia.

Todos carregam gostos próprios,
formas simples ou intensas
de ocupar o tempo da vida.
Mesmo assim, basta mostrá-los
para surgirem críticas gratuitas.

Curioso é que ninguém vive
a vida de quem está julgando.
Mesmo assim, opinam com certeza,
como se existir corretamente
fosse algo que se aprende de fora.

O mundo é vasto demais
para caber em uma forma só.
Quem ridiculariza o outro
não está defendendo nada —
está revelando o que lhe falta.

Vizinhança

Todo mundo quer saber
como o outro está vivendo.
Não por cuidado,
mas para comparar
se é melhor que sua vida.

Quem vive bem com o que tem
não precisa vasculhar
a vida alheia para se localizar.
A curiosidade excessiva
é mapa de quem está perdido.

A fofoca tem um nome bonito hoje.
Chama de estar por dentro,
de se preocupar
e de manter contato —
mas o desfecho é um só: comparação.

O interesse no outro
raramente é genuíno,
é só uma forma disfarçada de fugir
do silêncio
que a própria vida produz.

Encenação

Igreja pode ser caminho ou esconderijo.
A diferença está na intenção
de quem entra pela porta.
Muitos chegam para aliviar a culpa,
poucos para mudar o que a gerou.

Há fé verdadeira, isso é fato,
mas existe também muito palco
onde a encenação é confundida com devoção.
Gente que louva alto e vive errando,
como se Deus fosse cúmplice do fingimento.

A fé que vale é silenciosa.
Não julga e nem persegue.
Se prova no respeito,
no que se faz pelo outro
sem esperar nada em troca.

No fim, Deus não mora no lugar que você frequenta,
mas naquilo que você pratica.
Não está no que você diz acreditar,
está no que você faz
quando ninguém está vendo.

Tudo o que parece urgente
um dia se mostra pequeno.
O difícil é entender isso
antes que o tempo explique sozinho.

Ilusão

O tempo é curioso.
Todos dizem administrá-lo,
mas a vida inteira
é vivida correndo atrás
de algo que às vezes nem vale a pena.

Controlamos rotinas, horários
e pequenas certezas do dia,
mas basta o acaso aparecer
para lembrar quem manda
quando ninguém está olhando.

O silêncio revela esse vazio.
Para alguns é desconforto,
para outros, clareza.
Talvez porque ali apareça
o que a correria esconde.

O coelho de Alice enlouqueceu
tentando alcançar o próprio relógio.
Talvez não estivesse atrasado —
talvez apenas nunca tivesse entendido
que o tempo nunca foi dele.

Maravilhas

Lewis Carroll escreveu Alice
sem saber que estava descrevendo
a forma como a maioria de nós
atravessa a vida —
correndo, sumindo e caindo.

O relógio do coelho
nunca foi o problema.
O problema é correr atrás dele
sem nunca perguntar
quem foi que marcou a hora.

O gato sorri e desaparece,
mas o sorriso fica.
Existem pessoas assim —
saem da sua vida
e o que deixaram continua guardado.

A toca não é armadilha.
É escolha.
Todo mundo encontra a sua,
mas poucos têm coragem
de pular sem saber onde cai.

Versões

Ninguém é igual para todo mundo.
Não por incoerência —
mas porque cada um acessa
uma versão diferente de alguém.

A maioria fica na superfície.
É mais confortável assim.
Poucos aguentam a profundidade,
pois ela exige presença
e isso custa caro.

O tempo não revela tudo.
A convivência mostra uma face,
o silêncio, outra,
a constância também faz parte —
e cada um vê o que decide ficar para ver.

No fim, ninguém é melhor que ninguém.
Cada um cumpre um papel
na versão que escolheu acessar.
Intimidade não é corrida,
é consequência.
E poucos estão prontos para isso.

Leveza

Dizem que rir de tudo é desespero.
Talvez seja apenas compreensão.
Quando se entende a natureza da vida,
percebe-se que a maioria das tragédias
são expectativas que não se sustentaram.

Erros, perdas e desilusões
acompanham qualquer existência.
O riso não apaga nada disso —
apenas impede que o peso
ocupe mais espaço do que merece.

É um gesto silencioso.
Não de quem ignora a dor,
mas de quem já entendeu
que nem tudo precisa
de tanto peso para existir.

Num mundo tenso e sobrecarregado,
a leveza parece irresponsável.
Mas quem aprende a rir da própria vida
já não precisa de permissão
para atravessá-la do jeito que escolheu.

Consequência

Existe um conforto estranho
em fingir que não havia escolha.
Que as coisas simplesmente aconteceram,
que a vida decidiu sozinha
e ninguém pediu por isso.

O problema não é errar.
Errar faz parte de qualquer caminho.
O problema é errar com consciência
e depois procurar no outro
a culpa que é inteiramente sua.

Consequência não é punição.
É apenas a resposta natural
de um caminho escolhido.
Negar isso não muda o resultado —
só adia o peso.

Se estressar com isso é escolha.
Sentir desprezo é uma escolha.
O que acontece depois de uma decisão
já não pertence ao acaso —
pertence a quem decidiu.

Existe um tipo de solidão
que não pesa.
Ela apenas observa,
e isso, para alguns, já é demais.

Distância

Chamam de frio
quem não pergunta como o outro está.
Não é frieza —
é que cada um é adulto
e isso tem que ser respeitado.

Ninguém precisa da atenção alheia
para viver bem.
E a vida de ninguém
é necessária para construir outra.

Empatia existe.
Contudo, não é curiosidade
nem presença obrigatória
para fingir interesse
onde não há nenhum.

Chamam isso de frieza.
Mas é só honestidade —
são coisas parecidas por fora
e completamente diferentes por dentro.

Reflexo

Existe um momento
em que a pessoa olha pro espelho
e não reconhece quem olha de volta.
Não é envelhecimento — é a soma silenciosa
de pequenas concessões que ninguém viu acontecer.

Cada escolha deixa marca.
A grande, todo mundo lembra.
As pequenas, repetidas,
constroem em silêncio
quem você se tornou.

Ninguém acorda diferente.
A mudança não pede licença
e não anuncia hora,
acontece nos dias
que pareciam iguais.

Quem você é hoje
foi escolhido por você.
E quem você será amanhã
está sendo escolhido agora.

Genuíno

Ser gentil virou problema.
Não porque o gesto mudou —
mas porque quem recebe
já não sabe mais
o que fazer com ele.

Um ato simples de respeito
virou objeto de análise,
de teoria ou de desconfiança.
Como se a bondade
precisasse de motivo para existir.

O cavalheirismo não morreu sozinho.
Foi sendo enterrado aos poucos
por um mundo que aprendeu
a enxergar intenção
onde havia apenas cuidado.

A pergunta não é quando o cavalheirismo morreu.
É o que foi feito
para que ser gentil
parecesse mais perigoso
do que não ser nada.

Quem Observa de Fora

Nunca soube bem o que é carregar ódio.
Não por falta de motivo —
por falta de interesse.
O rancor exige uma dedicação
que eu nunca quis dar.

Ser leve virou suspeito.
Pensar com clareza, distância afetiva.
Ninguém pergunta se é escolha —
assumem que é defeito,
que falta algo que deveria doer.

Quando foi que equilíbrio
passou a precisar de justificativa?
Quando a ausência de rancor
começou a parecer
mais estranha do que o rancor em si?

Talvez a sociedade nunca resolva isso.
Talvez não precise.
O caos tem suas próprias regras
e quem observa de fora
aprende mais do que quem está dentro.

Beleza

Beleza não mora no corpo.
Mora na forma
como alguém decide demonstrá-la —
no jeito de falar, de ouvir
ou de se comportar.

O corpo envelhece,
a moda muda,
o que agrada hoje
já não serve amanhã.
Existe uma beleza, contudo,
que o tempo não sabe levar.

A maioria corre atrás do espelho,
tentando mostrar algo
e se esquece de cuidar
do reflexo que mora dentro —
o único que importa.

Cuidado, presença e inteligência:
detalhes que constroem uma beleza
que não desbota quando ninguém olha,
rara não por escassez,
mas porque poucos param
para enxergar algo que não grita.

Tudo termina.
O que escolhemos
é o que fazemos com o pouco tempo
entre o início e o silêncio.

Suficiente

Chamam de emocionado
quem ainda se dá ao trabalho
de fazer o outro se sentir especial.
Como se cuidar fosse sintoma
de algo que precisa ser curado.

Planejar, elogiar ou demonstrar —
gestos que custam presença
e isso talvez incomode
quem já se acostumou
com relações superficiais.

A ironia é que ninguém reclama
do descaso, da frieza e do jogo.
Isso é normal e até esperado,
por isso quem chega com intenção real
é visto como ingênuo.

Talvez o problema não seja
quem ainda sabe sentir.
Talvez seja o quanto as pessoas
se acostumaram a receber pouco
e chamar isso de suficiente.

Última Vez

Se eu soubesse que era o último beijo,
teria ficado mais tempo ali.
Não por esperança —
mas pela ilusão de controle
sobre algo que já tinha acabado.

Se eu soubesse que era o último abraço,
não teria soltado tão fácil.
Não por intensidade —
mas por recusar aceitar
o fim que já estava escrito.

Mas a vida não avisa.
Ela encerra ciclos em silêncio,
sem anúncio e sem preparo.
Quando você percebe,
já aconteceu pela última vez.

Não perdemos ninguém no caminho.
Apenas devolvemos
a versão que criamos deles.

Fuga

A morte não é surpresa,
é um aviso dado no nascimento.
Mesmo assim, fingimos que ela não existe,
como se ignorar fosse o suficiente.

Aceitamos o risco, a dor e o caos,
mas tememos diante da certeza.
Não por medo de morrer —
mas por saber que nada nos pertence,
nem o tempo que chamamos de vida.

A morte não rouba e não pune.
Apenas encerra o que começou.
Não exige igualdade, nem julga escolhas ou caminhos,
só cobra presença enquanto há tempo.

Todos chegam ao mesmo fim
vivendo verdades completamente opostas.
No final, o silêncio
não distingue ninguém.

Toda observação,
quando o silêncio se estende o suficiente,
vira história.

A Ponte de Pombos

monólogo

Existia um príncipe que via o mundo como um jogo. Para ele, as pessoas não passavam de peças de uma simples partida de damas — círculos brancos e pretos caminhando lado a lado, sem rosto, nome ou o peso de existirem. Órfão cedo, destinado a um trono que não pedira, tornou-se o Estrategista do Reino: calculava cada movimento do mundo e sempre vencia. Mas vencer tudo é a forma mais elegante do tédio. Quando não há quem te derrote, a vitória deixa de ter cor — e o mundo inteiro, para ele, virou um tabuleiro cinzento, peças repetindo gestos que ele já previa antes de acontecerem.

Até que, no meio daquela imensidão sem cor, ele viu algo colorido. Correu, como quem corre atrás da própria respiração. Era uma moça jogando damas. Os cabelos sedosos como brisa de verão, o perfume de um néctar que ele jamais imaginara que o mundo guardava. Mas o que o fascinou de verdade não foi a beleza — foi o jeito como ela movia as peças. Pela primeira vez, alguém o desafiava. Pela primeira vez, o tabuleiro tinha um abismo que ele não conseguia medir.

Convidou-a para uma partida. Nenhum dos dois sabia quem era o outro — ele, príncipe herdeiro; ela, rainha do reino vizinho. Jogaram em silêncio, e pela primeira vez na vida ele perdeu. E perder, descobriu ali, era a coisa mais parecida com estar vivo que ele já havia sentido.

Voltaram a se encontrar. Todo dia, durante dias que ele passou a contar como um avarento conta moedas. Ela ganhava, ele ganhava, e nesse vai e vem silencioso algo se acendeu dentro dele — uma cor que não cabia em nenhuma estratégia. Ele se apaixonou. O reino tinha leis duras sobre amar gente de fora, mas o homem que seguia regras ao extremo viu o próprio mundo ser derrotado num único lance que ele não soube prever. Estava disposto a tudo.

Ela, porém, não esboçava reação nenhuma. O jeito despreocupado, a inteligência fora do comum, o caos calmo de quem não precisa de ninguém — tudo isso só o perdia ainda mais dentro de si mesmo. Ele idealizou cada gesto dela, encheu de significado cada silêncio, construiu um reino inteiro a partir de uma mulher que talvez só estivesse jogando damas. E é assim que se ama o impossível: enchendo de ouro um vazio que nunca pediu para ser preenchido.

Em uma noite de inverno, veio a notícia que mudaria tudo: ela estava indo embora.

Ele correu. Não sabia o que ela sentia e, por não saber, decidiu não calcular — pela primeira e única vez, declarou-se. Não com a esperança de um sim, mas com a necessidade de ouvir qualquer coisa, mesmo que fosse o não que o libertaria. Foi então que ela disse a verdade que escondia debaixo de toda aquela leveza: havia uma doença incurável e restavam-lhe poucos dias. Para não pesar sobre ele, decidira partir sem dizer nada — levar embora o adeus inteiro, sozinha, como quem retira a própria peça do tabuleiro antes que o outro tenha a chance de jogar.

Em lágrimas, não conseguiram nem se abraçar. Os corpos pararam a um passo um do outro, e esse passo foi a distância mais larga que ele já atravessara em toda a vida de conquistas. Mas foi então que ele falou a única coisa que um estrategista nunca calcula:

— Eu vou clamar aos céus. E se eles realmente me ouvirem, eu te verei de novo.

— Isso é uma promessa? — perguntou ela.

— É.

Chorando, ela se foi. E os poucos dias que lhe restavam bastaram apenas para chegar em casa. Ele soube depois — e clamou mesmo assim, não como quem reza, mas como quem aposta a alma num lance que sabe perdido.

E, por crueldade ou pena, o universo escutou.

Na primeira noite de inverno, parado no porto com as mãos vazias de peças, ele viu o céu se dobrar. Pombos, centenas deles, costurando o ar entre as duas margens, brancos sobre o azul escuro, como peças atravessando um tabuleiro sem fim. E lá estava ela, do outro lado — não viva, mas inteira: o instante exato da despedida, capturado e devolvido pelo universo num único dia do ano. Ele achou que segurava um presente nas mãos. Levaria anos para entender que segurava uma sentença.

Pois a cada ano, ele chegava ao porto um pouco mais velho. Os cabelos foram embranquecendo, as mãos foram aprendendo a tremer sobre as peças e os ombros foram cedendo ao peso de onze meses carregados de uma só vez. E ela continuava a mesma — porque não havia outra. O que voltava todo inverno não era ela, era a única ela que existia agora: a do último dia. Jovem como o adeus, presa no âmbar daquele instante que nunca terminou de acontecer. Ele envelhecia amando um retrato. Um retrato que jogava damas, que sorria de longe, que movia as peças como sempre movera — mas que não o via voltar mais velho, porque retratos não veem.

Os outros trezentos e sessenta e quatro dias voltaram a ser o que sempre foram: o tabuleiro cinzento, as peças sem rosto e a multidão que ele não conseguia mais distinguir nem que quisesse. Ele não vivia o ano, apenas o atravessava — paciente, mudo e com exatidão — como se a vida fosse só o corredor escuro entre uma cor e a próxima. E o Estrategista do Reino, que um dia calculou cada movimento do mundo, gastou a existência inteira num único lance que nunca soube se valeu a pena.

No fim, sentado no porto vazio à espera de mais um inverno, já não sabia dizer se a tinha amado ou se apenas, do começo ao fim, se recusara a perder a partida de damas. Se a tinha amado, ou se passara a vida amando o instante em que a perdeu.

E talvez seja essa a peça que nenhum estrategista consegue mover: a que ensina que há jogos em que ficar é perder, partir é perder, e amar — amar é só escolher de que forma se perde.